

## Uma introdução à Biblioteconomia Comparada: sumário de pontos importantes

André de Figueiredo

Biblioteca  
Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU)  
Ministério do Interior  
Rio de Janeiro, GB

*Resumo* — Diferentes pessoas, a partir de diferentes pontos de vista, têm procurado estabelecer uma definição e os limites em que a Biblioteconomia Comparada parece conter-se. Extensas definições podem ser reduzidas a três elementos principais: a importância cultural de compartilhar dados e soluções; a perspectiva de colaboração e entendimento em nível internacional; e o emprego do método comparativo como um meio de organizar e avaliar as teorias e as realizações da Biblioteconomia.

A Biblioteconomia Comparada, como um tópico específico de estudo, ensino e pesquisa, é extremamente recente, muito embora há centenas de anos venham sendo realizados estudos comparados em diferentes áreas do conhecimento, inclusive a Biblioteconomia. A primeira vez em que a expressão “Biblioteconomia Comparada” foi empregada data apenas de 1954, quando Dane relatou em dois artigos sua experiência com um grupo de estudo em Biblioteconomia na Universidade de Chicago (3, 4). O crescente interesse por esse tema vem resultando numa torrente de trabalhos que surgem constantemente e num esforço por implantar cursos voltados para o seu estudo. A Educação Comparada, que já existe há mais de um século, pode servir de modelo, pois sua metodologia se aplica perfeitamente à Biblioteconomia.

Diferentes pessoas, a partir de diferentes pontos de vista, têm procurado estabelecer uma definição e os limites em que a Biblioteconomia Comparada parece conter-se. Louis Shores define-a como sendo “o estudo e a comparação da teoria e da prática bibliotecária em todos os diversos países do mundo, com a finalidade de ampliar e aprofundar a nossa compreensão acerca dos problemas profissionais e das soluções propostas” (6). Dorothy Collins considera a Biblioteconomia Comparada como

Trabalho apresentado na Universidade de Londres, durante Curso de Mestrado em Biblioteconomia Comparada, orientado por D.J. Foskett.

“um método importante para pesquisar as causas e os efeitos no processo de desenvolvimento bibliotecário e para compreender os problemas bibliotecários” (2).

Considera-se, também, que a Biblioteconomia Comparada poderá acarretar não só a melhoria da situação atual das bibliotecas, através de estudos comparativos em nível internacional, como também fomentar a boa vontade e a cooperação entre as nações. Essa seria uma consequência notável, mas é importante não confundir Biblioteconomia Internacional com Biblioteconomia Comparada. A primeira diz respeito à promoção da cooperação internacional, mediante a prestação de assistência e a realização de estudos, podendo assumir um aspecto relativamente social. A Biblioteconomia Comparada, entretanto, se interessa pela solução de um problema específico por meio da comparação de diferentes contextos culturais, no quadro de uma disciplina acadêmica formal.

D.J. Foskett propõe uma outra definição. Para ele o método comparativo é um meio de impor uma certa ordem no processo da análise bibliotecônica. Em sua opinião, se o bibliotecário obedecer ao método científico de coleta e avaliação de dados, ele poderá “formular decisões baseadas em hipóteses confirmáveis e não simplesmente respaldadas pelas opiniões de estudiosos” (5).

Podemos reduzir a três elementos principais essas extensas definições: a importância cultural de compartilhar dados e soluções; a perspectiva de colaboração e entendimento em nível internacional; e o emprego do método comparativo como um meio de organizar e av aliar as teorias e as realizações da Biblioteconomia. Talvez valha a pena, antes de passar a esboçar e descrever o processo de trabalho do método comparativo, examinar os seus resultados específicos e as suas possibilidades.

Desde o princípio que o homem convive com a comparação. Ela é a fonte da observação e das mudanças. Mesmo antes de saber o que eram os estudos comparados, o homem já aplicava métodos comparativos. O primeiro homem da caverna que comparou duas pedras entre si, à procura de uma ponta de lança, e desprezou a menos eficiente, estava certamente dando início à tecnologia no mundo. Que outra base temos para progredir que não seja a comparação?

Em todos os campos do conhecimento os estudos comparativos têm sido utilizados. O estudo comparado de métodos médicos em escala mundial tem resultado em saltos gigantescos para a erradicação das doenças. A comparação entre formas antigas de governo tem proporcionado a mais de um país idéias para uma constituição nacional. A comparação entre ideais e práticas similares, em diferentes épocas e países, tem-nos levado a acreditar que todas as religiões, apesar de suas variações têm uma origem comum. Embora haja uma tendência a vincular o método compa-

rativo quase que exclusivamente a experiências científicas, ele pode ser aplicado a qualquer assunto. A base para as comparações é o resultado direto de uma necessidade específica. Uma vez definida essa necessidade, pode-se escolher a forma de comparação.

As comparações podem ser feitas de muitas maneiras diferentes, dependendo do tópico e do resultado almejado:

- a) tendo em mente um problema específico, podemos nos concentrar em pesquisar, de forma retroativa, a causa de um resultado final;
- b) podemos estudar e avaliar a teoria e a prática de outros países;
- c) tendo em mente as influências sociais e históricas, podemos observar e estudar os problemas, a fim de determinar como surgiram diferentes métodos;
- d) podemos comparar entre si métodos diferentes, do ponto de vista de sua eficiência em função de uma finalidade específica;
- e) podemos estudar e comparar todos os tipos de trabalhos publicados;
- f) podemos avaliar e interpretar, do ponto de vista da experiência e do conhecimento individual, históricos de casos relativos a problemas nacionais e internacionais;
- g) podemos comparar as soluções à luz de seu funcionamento e de como satisfazem às concepções e necessidades originais.

São esses apenas alguns dos elementos de que podemos lançar mão ao comparar os dados que tivermos acumulado na busca do conhecimento e da solução dos problemas.

São múltiplos os resultados de um estudo desse tipo. Podemos encontrar soluções para problemas existentes; prever possíveis pontos fracos em certas rotinas de trabalho; saber o que fazer para alcançar um resultado desejado; encontrar explicações para fenômenos aparentemente obscuros; aumentar nosso conhecimento num determinado campo, bem como promover a cooperação e o entendimento internacional. Os estudos comparados sobre um determinado assunto, que abranjam várias nações, só podem resultar numa maior compreensão dos métodos, soluções e até mesmo os ideais de cada uma, em benefício de todas. Para citar apenas um exemplo, o notável transplante cardíaco realizado pelo Dr. Christian Barnard fez com que um grande número de cirurgiões de todas as partes do mundo se reunissem para comparar suas impressões e suas técnicas. Isso provocou uma melhoria da técnica da cirurgia cardíaca e um aumento do número de cirurgiões capazes de realizar esse tipo de operação, sem falar das novas esperanças que isso oferecia aos pacientes portadores de cardiopatias. Imaginemos os benefícios que a humanidade auferiria se semelhante cola-

boração ocorresse em outros campos do conhecimento e entre um maior número de países.

Voltando à Biblioteconomia, podemos imaginar como os estudos comparados podem ser aplicados a este campo. O método comparativo em Biblioteconomia pode ser descrito como a “comparação ou o processo de buscar semelhanças nas diferenças e diferenças nas semelhanças entre dois ou mais fenômenos, de uma maneira científica”, conforme é salientado por Simsova (7). Essa concepção científica possui método próprio para lidar com as comparações, o qual merece ser estudado e adaptado de modo a atender a necessidades específicas. D.J. Foskett defende a aplicação do método científico aos estudos biblioteconômicos, por causa da sistematização que ele impõe ao raciocínio e aos dados materiais (5).

L.O. Brown (1) apresenta os seguintes requisitos para que se possa ter um raciocínio científico: a) fundamentalmente racional; b) livre de preconceitos; c) basear os julgamentos em fatos; d) lidar com probabilidades mais do que com certezas; e) exigir, ponderar e explicar constantemente; f) objetivo mais do que subjetivo; g) seletivo e discriminante; i) criativo. A esses requisitos Simsova (7) acrescenta uma outra qualidade que é: j) consciência de nossas próprias limitações irracionais.

O estudo e a assimilação dessas qualidades preparam-nos para a adoção do método científico que nos orienta na avaliação dos dados. Esse método científico é admiravelmente resumido por Simsova (7): a) percepção e formulação do problema que está sendo investigado; b) definição de conceitos e formulação de uma hipótese de trabalho; c) observação, registro e interpretação dos dados mediante os quais a hipótese é testada e verificada; d) generalização baseada nos resultados encontrados (formulação de teorias) e relacionamento desses resultados com outros conhecimentos.

Adotando como roteiro o resumo acima, o bibliotecário dedicado aos estudos comparados pode dar início a sua pesquisa. O resultado de tal pesquisa pode ser uma compreensão mais profunda da própria Biblioteconomia, mas também pode acarretar grandes benefícios para o planejamento e o desenvolvimento bibliotecário. A importância do método comparativo pode ser apreciada pelo avanço dos estudos realizados no campo da Educação Comparada, onde, ultimamente, têm sido preparados questionários a serem respondidos por diversos países, com a finalidade de estudar os padrões de processos educacionais. Esse tipo de pesquisa só pode resultar em enormes benefícios de ordem prática.

Para o estudante de Biblioteconomia, uma das etapas mais árduas do método científico é a definição de um problema e sua hipótese de trabalho. Muitas vezes é difícil determinar exatamente o que ele está procurando, pois talvez ele tenha apenas uma leve idéia de que determinado problema existe. No entanto, ele deve se esforçar bastante para extrair

uma hipótese da profusão de materiais que o cercam, seja no início da pesquisa, seja quando os dados já colhidos comecem a revelar certas tendências. Pode-se extrair uma hipótese ou impô-la ao material que se tem em mão. Mas, de uma forma ou de outra, sem ter um objetivo concreto em sua mente, a sua pesquisa desmoronará. Uma vez escolhido um tópico para pesquisa, o estudante nunca deve omitir um cuidadoso estudo dos trabalhos anteriormente realizados na mesma área, a fim de evitar a duplicação das informações existentes e determinar qual será o âmbito de sua pesquisa específica.

Em Biblioteconomia, existem vários tipos de estudos comparativos, baseados principalmente na dimensão da área abrangida. O maior deles é o estudo de área, que é uma análise da prática e do desenvolvimento bibliotecário numa determinada área geográfica. A seguir, temos o estudo de caso, que abrange um problema específico numa área. O problema específico, quando aplicado a duas ou mais áreas geográficas, adotando-se o método comparado, é denominado de estudo transnacional (*cross-national*) ou transcultural (*cross-cultural*). Talvez valha a pena analisar esses tipos de estudos de maneira mais detalhada, a fim de se perceber claramente quais são suas características.

O estudo de área envolve a maior quantidade de materiais, sendo o tipo de estudo mais dominante. Uma área específica, como um país ou uma região, é examinada do ponto de vista de seu sistema bibliotecário, fazendo-se uma apreciação de alguns ou todos os seus aspectos. O material reunido durante a realização desse tipo de estudo inclui uma análise de seu progresso e desenvolvimento, as soluções que propôs para os problemas e uma análise de suas possibilidades e evolução futuras. Este tipo de estudo pode incluir fatores históricos que tenham contribuído para a existência do sistema e dos métodos atuais. Quando esse tipo de estudo é realizado em dois ou mais países recebe a denominação de uma comparação total. Quando bem feita, a comparação total é extremamente complexa, e pode ser um instrumento elucidativo quando se está em busca de métodos biblioteconômicos melhores e mais eficientes.

O estudo de casos é mais restrito, pois ele trata apenas de um aspecto de um sistema bibliotecário. Deve-se adotar o máximo de cautela na seleção do problema a ser estudado, para que isso tenha alguma utilidade no campo da Biblioteconomia. O grau de importância do tema é que deve orientar a sua escolha, a amplitude com que será examinado e estudado, e as informações que proporcionará ou as sugestões que poderá apresentar. Um estudo de caso pode ser uma simples descrição de um sistema ou método existentes. Essa mesma descrição, porém, se revestiria de maior valor se fosse matizada pela própria experiência prática. Aqui vemos surgir o desafio à criatividade e objetividade do bibliotecário.

Quando o estudo de casos se amplia ao ponto de abranger vários países ou regiões, ele passa a ser um estudo transnacional, que pode pesquisar sobre um tipo de biblioteca (por exemplo, bibliotecas médicas) ou a maneira como um problema técnico é tratado por diversos países (ou em diferentes regiões do mesmo país). Como exemplos, teríamos: a análise do planejamento de bibliotecas públicas em países europeus; ou a utilização de computadores na América Latina, com o que se estaria tratando de um problema técnico.

As três áreas gerais da pesquisa biblioteconômica contêm possibilidades ilimitadas de tópicos que o estudante pode pesquisar. Após ter feito a seleção definitiva do tema, ele pode passar para a coleta de dados. Existem três fontes gerais de dados, comumente classificadas como primárias, secundárias e auxiliares.

As fontes primárias correspondem a dados que são colhidos diretamente junto a uma autoridade, quer através de contacto pessoal, quer através da descrição por escrito feita por uma testemunha ocular. Esses dados são facilmente comprováveis e não apresentam possibilidade de erros. Em Biblioteconomia, os históricos de casos são uma fonte importante, embora os debates pessoais e as entrevistas nos locais possam ser mais rápidos e mais precisos. Entre outras fontes temos: relatórios anuais de bibliotecas, planos de desenvolvimento futuro, relatórios oficiais, manuais de Biblioteconomia, além de relatórios descritivos pessoais elaborados por meio de entrevistas e observações diretas.

As fontes secundárias incluem livros, artigos e relatórios que são, geralmente, compilados de outras fontes. Essas fontes não merecem inteira confiança, pois são observações de segunda mão, e o estudante deve ter a prudência de comprovar freqüentemente a exatidão dos fatos.

As fontes auxiliares dependem do tema que o estudante escolheu, pois representam uma série de dados mais genéricos, materiais de cultura geral, que servem para compor os antecedentes do tópico selecionado.

Antes de ser feita a comparação dos dados, o estudante deve determinar aquilo que, entre a vasta coleção de material acumulado, for relevante para o tópico ou problema que escolheu. Sua primeira providência deve consistir em verificar todas as fontes duvidosas, especificamente as secundárias, e comprovar a exatidão dos fatos. Depois de feito isso, os seus dados estarão prontos para o processo de justaposição, que é uma preliminar imediata do verdadeiro processo de comparação da pesquisa.

A justaposição talvez seja uma das etapas mais árduas no processo do método comparativo. A esta altura, o estudante deve representar os dados lado a lado, de modo a permitir o aparecimento de um padrão de comparação. Antes da coleta dos dados, talvez o estudante tenha apenas uma vaga suspeita das conclusões a que poderá chegar. A justaposição oferece

uma compreensão visual da extensão de sua pesquisa e lhe dá uma percepção de quais os resultados que poderá esperar da comparação final. Um exemplo de justaposição seria:

Nos Estados Unidos as crianças são ensinadas a usar a biblioteca já no curso primário.

A maioria das crianças brasileiras nunca freqüentou uma biblioteca.

Os Estados Unidos têm um alto índice de alfabetização.

O Brasil está se esforçando para superar o seu alto índice de analfabetismo.

Esses fatos, postos lado a lado, parecem indicar a hipótese de que a convivência com a biblioteca tem algo a ver com a alfabetização. Esta hipótese deve ser claramente enunciada na comparação final, de modo que o estudante tem de elaborar uma apresentação mais concisa daquilo que ele estava simplesmente insinuando na justaposição. Nem todos os dados representados na justaposição serão utilizados no fim, de modo que esse processo é também uma seleção do que é relevante.

A comparação final não deve apenas comprovar a hipótese de trabalho, mas também pode proporcionar algum conhecimento de causa. A Biblioteconomia Comparada não é somente um estudo de diferentes métodos e práticas, mas também um importante instrumento para se descobrir as razões de êxito numa determinada área de modo que tal êxito possa se repetir. As inúmeras possibilidades e resultados da comparação já foram mencionados neste artigo. Dorothy Collings afirma que o objetivo fundamental da Biblioteconomia Comparada, como tema de interesse científico, é procurar alcançar uma compreensão total e uma interpretação correta do problema ou do sistema bibliotecário em estudo (2).

A pesquisa de causas e efeitos e a avaliação e interpretação de diferentes práticas são metas importantes no processo comparativo. As vantagens do método comparado são que ele enuncia seu objetivo com clareza, proporciona ao estudante uma base lógica para começar a trabalhar, e lhe permite encetar a coleta e análise de dados com o conhecimento de que isso contribuirá para uma maior compreensão e interpretação do problema com que está lidando. A Biblioteconomia Comparada não serve apenas à biblioteca e aos seus problemas, mas o seu interesse atinge a comunicação e o progresso em escala internacional. As bibliotecas do mundo inteiro representam uma área de cultura comum que transcende as guerras e os interesses mais mesquinhos da humanidade.

### ***Abstract***

An introduction to comparative librarianship: a summary of important points

The definition and limitation of what comparative librarianship seems to involve have been attempted from various angles by many different people. Lengthy definitions can

be reduced to three main elements: the value of cultural sharing of data and solutions; the prospect of international collaboration and understanding; and the use of the comparative method as a means of organizing and evaluating librarianship material and theories.

#### REFERÊNCIAS

1. BROWN, Lyndon O. *Comercialización y análisis del mercado*. Trad. de Guillermo Bravo. Buenos Aires, Selección Contable, 1959, p. 70-71. (Edição original: *Marketing and distribution research*. 3. ed. New York, Ronald Press, 1955. 561 p.)
2. COLLINGS, Dorothy G. Comparative librarianship. In: KENT, Allen & LANCOUR, Harold, ed. *Encyclopedia of library and information Science*. New York, Marea Dekker, 1971, v. 5, p. 492-502.
3. DANE, C. The benefits of comparative librarianship. *Australia Library Journal* 3 (3) :89-91, July 1954.
4. \_\_\_\_\_. Comparative librarianship. *Librarian* 43 (8) : 141-144, Aug. 1954.
5. FOSKETT, D.J. Comparative librarianship. *Progress in Library Science* 1965, p. 125-146.
6. SHORES, Louis. Why comparative librarianship? *Wilson Library Bulletin* 41 (2) :200-206, Oct. 1966.
7. SIMSOVA, S. & MacKEE, M. *A handbook of comparative librarianship*. London, Clive Bingley, 1970. 413 p.